

A CONFIGURAÇÃO DO POETA CRUZ E SOUSA PELA POLÊMICA E CRÍTICA OITOCENTISTAS

Marco Antonio Notaroberto da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(manotsva@gmail.com)

Resumo

O presente artigo aborda o ambiente literário da virada do século (XIX-XX) no Brasil e o papel do jornalismo na propagação de ideias, principalmente através da crítica literária e da polemização. Apresenta, de forma substancial, o embate entre movimentos literários antagônicos, como o parnasianismo e o simbolismo, a tensão entre literatura e vida literária, além da configuração crítica do poeta Cruz e Sousa em meio à polarização. Por fim, busca elaborar um paralelo entre a mentalidade do tempo e a limitação da percepção pela ideologia.

Palavras-chave: Jornalismo; Crítica Literária; Polêmica; Virada do Século (XIX-XX); Polarização; Cruz e Sousa.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Marco Antonio Notaroberto da Silva

Doutorando em letras pela UERJ e Mestre em Estudos de Literatura pela UFF. Bolsista CAPES (nível doutorado) no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ e membro do grupo de pesquisa “Estudos literários: fundamentos conceituais e história” (CNPq). Atua como pesquisador em literatura brasileira nos seguintes temas:

1. O clima cultural legatário do simbolismo;
2. A prosa na vertente introspectiva, ligada ao romance psicológico e proustiano (Clarice Lispector; Cornélio Penna);
3. A poesia simbolista de Cruz e Sousa em perspectiva histórico-cultural.



lattes.cnpq.br/5923117871869722



orcid.org/0009-0006-0900-5280

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

A CONFIGURAÇÃO DO POETA CRUZ E SOUSA PELA POLÊMICA E CRÍTICA OITOCENTISTAS

Marco Antonio Notaroberto da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(manotsva@gmail.com)

“Caveira! Caveira!! Caveira!!!”

— CRUZ E SOUSA

Em 1875 é fundada, no Rio de Janeiro, a *Gazeta de Notícias*. O periódico, que só pararia de circular em 1956, atravessando o século, foi um dos frutos da expansão da imprensa brasileira ocorrida na segunda metade do século XIX devido, via de regra, à politização das camadas urbanas e à explosão demográfica da década de 1870 (VENTURA, 1991, p. 137). Tendo em vista o considerável aumento do número de leitores nesse período, a imprensa, em larga escala, revolucionária não somente o modo como dava-se a circulação de notícias, mas contribuiria para o desenvolvimento do folhetim humorístico, da crônica literária e dos romances em capítulos, consolidando-se, assim, como um veículo impulsionador da vida cultural brasileira.

Não obstante ser a *Gazeta de Notícias* um exemplo de sucesso, o jornalismo, em geral, apresentava-se como prática de propósitos semelhantes, influenciando profundamente a vida literária do país. João do Rio, cronista do século XX, compilou, em seu *O momento literário* (1908), entrevistas realizadas com personalidades da época questionando-os, justamente, sobre a influência que os jornais teriam na literatura. “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” (RIO, 1908), pergunta João do Rio. Olavo Bilac, por exemplo, responderá que:

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

[...] o jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio de o escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal – porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade (BILAC *apud* RIO, 1908).

Entretanto, o jornal não será somente o espaço em que o grande público terá acesso, a preços módicos comparados aos do livro, às obras dos escritores, mas servirá de palco para que os literatos expressem as suas opiniões acerca da situação nacional que, na virada do século, era crítica nos âmbitos da cultura e da política institucional. Permitindo a publicação de artigos de opinião acalorados e, por vezes, ofensivos, os jornais estarão abertos à prática da polemização.

Segundo Roberto Ventura: “as polêmicas culturais e políticas só tiveram ressonância graças aos jornais e revistas” (1991, p. 137). Logo, os homens de letras, categoria que adquire prestígio social com a especialização da imprensa, esmeram-se em polemizar as suas ideias em busca por maior aceitação da opinião pública. Neste período de grande convulsão na esfera política, com eventos importantes como a Abolição (1888) e a Proclamação da República (1889), na cultura, especialmente no âmbito da literatura, as polêmicas embasaram-se na:

[...] insistência dos adversários em questões da história natural e em questiúnculas de português. Era, por um lado, o cientificismo, então predominante, e, por outro, a preocupação gramatical, que levava muita gente a confundir estilo com a linguagem gramaticalmente correta (BROCA, 1991, p. 110).

No que se refere à beligerância no campo das opiniões, a polêmica foi prática comum entre a classe letrada do final do Oitocentos, sendo um modo efetivo de propagação de ideias. “Exist[ia], nas polêmicas, um padrão de confronto entre o locutor e seu oponente que se pode chamar de *reflexivo*, definido pelo caráter de réplica e pela necessidade de revide do adversário” (VENTURA, 1991, p. 146, grifo do autor). Assim, conforme o duelo escalava, assuntos relevantes, relacionados ao contexto social, eram debatidos em público.

De fato, os intelectuais polemizavam:

[...] com o olhar voltado para as reações do público e a recepção do debate. O discurso da polêmica apresenta, assim, uma interlocução bifurcada: como no desafio, o locutor se dirige ao *oponente* ou *adversário*, com o objetivo de atingir a comunicação com o *leitor* ou *ouvinte* [...] O “inimigo” se torna o intermediário de um processo comunicativo entre o polemista e seu público, cuja adesão é disputada pelos contendores. Desse modo, procuram os críticos e os escritores reduzir a distância com o leitor, maior nas sociedades em que o mercado de bens culturais não se encontra plenamente constituído. A

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

polêmica se torna uma versão folhetinesca e seriada da crítica literária e filosófica. Como os romancistas, que publicavam seus livros como capítulos de folhetim nos jornais e revistas, os críticos recorrem às polêmicas na imprensa, de modo a ampliar a circulação de suas ideias e divulgar seu nome, criando renome (VENTURA, 1991, p. 148, grifo do autor).

Dessa maneira, a polêmica torna-se uma forma de entretenimento com o objetivo de atrair, dentre o público, partidários a determinadas causas e, simultaneamente, garantir a notoriedade do participante vencedor. “O leitor é promovido à posição de árbitro na disputa, campo em princípio neutro que recebe tanto o discurso do locutor quanto o de seu adversário, sendo a retórica empregada com o intuito de persuadi-lo” (VENTURA, 1991, p. 148).

É sabido que na segunda metade do século XIX, especificamente, o ideário cientificista era hegemônico. Logo, a crítica e a polêmica se nutriram dessa premissa. Com viés evolucionista, em plena aplicação do *struggle for life* de Charles Darwin à esfera cultural, acreditava-se na “seleção literária e científica”¹:

O discurso evolucionista é empregado como racionalização científica de tais debates, que promoveriam a propagação de “novas ideias” e o aperfeiçoamento cultural pela seleção e depuração das obras e escritores, lançados à luta pela sobrevivência, como as espécies de animais na cadeia evolutiva. [...] A modernidade de pressupostos, como a aplicação do *struggle for life* à literatura e à cultura, coexiste com o tradicionalismo das disputas entre grupos rivais (VENTURA, 1991, p. 143).

Assim, as disputas seriam vencidas pelo mérito comprovando a prevalência do mais forte ou melhor adaptado àquele meio cultural. Entretanto, no panorama da literatura brasileira oitocentista, há determinados grupos detentores de poder, principalmente o de acesso ao grande público através de jornais de maior circulação, como a *Gazeta de Notícias*. Não estava disponível, a qualquer homem de letras do século XIX, a possibilidade de publicação nos periódicos de maior relevância. Constata-se, portanto, uma hierarquização nas Letras, diretamente associada à oportunidade de ascensão social que o prestígio do literato favorecia naquele momento².

¹ Segundo Roberto Ventura, esta ideia é associada intimamente ao fazer crítico de Silvio Romero, expoente polemista

² “Ó Coelho Neto, belo contrato, /Foi o contrato que você fez. /Já vale a pena ser literato, /Com quatrocentos mil réis por mês!”.

Versos de Artur Azevedo, sob o pseudônimo Gavroche, publicados nas colunas de *O País*, que satirizam e ilustram como a profissão tornava-se atraente. Havia, no mercado das letras, novos editores à procura de nomes de êxito. Neste momento, Coelho Neto, jovem escritor, publicava em folhetins diários de *O País*, seus primeiros romances.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Como o ambiente cultural pautava-se pela guerra de opiniões, visando a depuração da arte literária sob a égide das teorias evolucionistas, a rivalidade intelectual, que tensionava não somente a literatura, mas a vida literária, materializava-se, nos jornais, em ataques pessoais ou em ataques direcionados aos grupos formados por escritores que possuíam linhas estéticas e ideológicas divergentes. Tais grupos, comumente conhecidos por “igrejinhas”, ou *coteries*, disputavam a atenção do público e garantiam a excitação dos leitores através da polêmica.

Nesse contexto, em 1891, surge o Grupo dos Novos. “Não se consideravam eles simbolistas: só muito mais tarde apareceria tal denominação. Eles se declaravam simplesmente *os novos*, ou os adeptos da Nova Escola, sem por outra forma a nomearem” (MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 181, grifo do autor). É a este grupo que Cruz e Sousa pertencerá. Estabelecido no Rio de Janeiro desde 1890, o poeta colabora: “em prosa e em verso nas colunas da *Revista Ilustrada* e do *Novidades* – a que chamavam *Écho de Paris brasileiro*” (MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 181).

Todavia, é mister atentar que ambos os periódicos estavam em declínio e, de maneira alguma, possuíam a relevância de jornais como a *Gazeta de Notícias*, *O País*, o *Diário de Notícias*, o *A Semana* ou o *Cidade do Rio*, revelando o pequeno poder de impacto que o grupo dos Novos surtiria no leitor comum. Em crônica, Emiliano Pernetta, “integrante do grupo que mantinha no *Novidades* uma seção diária de cunho polêmico”, escreve:

Dia claro, por certo, seis ou sete rapazes, vindos de pontos vários, deram-se as mãos, ali pelo *pavé* da Rua do Ouvidor. Todos eles vinham armados de uma febre conquistadora invencível, da cólera de produzir coisas novas, berrentas de luz, louras como as filhas do sol. Foram repelidos vivamente pelos senhores da praça e alcunhados de Novos – nome que deu lugar a um bando de crianças e a um grupo de alvares pretender a entrada no grande campo. Pouco a pouco, a seleção natural foi se fazendo. O nome ridículo foi aceito pelos que restam, em pé, à lua cheia, isto é, Oscar Rosas, Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, B. Lopes, Emílio de Meneses, Araújo Figueiredo, Lima Campos e outros (PERNETA *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 182, grifos do autor).

Nota-se, no excerto, algumas das características que, mais adiante, darão os contornos da estética simbolista no Brasil: as “coisas novas berrentas de luz” e “louras como as filhas do sol”, adoradas pelos poetas da lua cheia, serão mal vistas pela corrente literária hegemônica, que se basearia no realismo e naturalismo, em prosa, e no parnasianismo, em poesia. Hegemônica pois era relacionada aos extratos de poder da sociedade, em suma, por seu valor de mercado. Os escritores filiados a essas correntes estéticas e ideológicas são, nas palavras de Pernetta, “os senhores da praça”, com acesso aos meios de comunicação de massa de maior influência.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Portanto, instaura-se a polarização estilística de *fin-de-siècle*, cujo método será o da polemização. Os Novos, embora publiquem, via de regra, em jornais de vida curta, adotam o modo operante do elogio mútuo e da detração dos oponentes, eles:

[...] não se contentavam em aparecer, em publicar as suas produções, em salientar outros valores do grupo através de dedicatórias de seus trabalhos. Assumiram também, a certa altura, uma feição agressiva e demolidora, contra os que na época, já se apresentavam como vitoriosos, dominando as principais publicações e que, mantendo seus postos, com unhas e dentes, dificultavam, assim, a ascensão da novíssima geração. [...] Nem o velho e sossegado Machado de Assis era poupado nessas catilinárias. Um artigo de Aristo o arrolava entre os figurões que deviam ser varridos do meio literário, para abrir espaço aos moços. Eis um trecho da objurgatória: “Arte! Coisa que encante, coisa que nos fale à alma nova em um entusiasmo vibrante, em uma sensibilidade franca, harmoniosa e pura. Arte! A coisa mais detestada neste país; sobre a qual todo o ridículo comendador dos nossos burgueses se esparrama, e os apodos de uns literatos anacrônicos buscam incessantemente. Arte! Mas não a velha, a antiga, a dos *Quincas Borba* e dos *Vinte Contos*, nem essa que anda a se espalhar pelas colunas de honra dos jornais, em uma colaboração gratuita e de pseudônimos. Essa não, mil vezes não” (MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 189, grifos do autor).

Observa-se que, além dos interesses mercadológicos, o que está em jogo é o valor atribuído à estética de eleição. Os Novos não pouparam elogios à sua Arte, escrita sempre em letra maiúscula, em detrimento à do adversário. O grupo, muito aguerrido à causa, era, segundo Magalhães Junior, uma verdadeira brigada de choque.

Em elogio ao grupo dos Novos, Aristo escreve:

Arte moderna não inspira os contos dos *Casuzas* e *Maracas*, não; a arte moderna faz um conto com toda a observação, com todo o movimento, com toda a vida, com os admiráveis quadros trabalhados por Lima Campos, o artista por excelência. A arte moderna é a que produz os sonetos de B. Lopes, de Araújo Figueiredo, de Cruz e Sousa; é a que escreve as crônicas de Gonzaga Duque Estrada, de Emiliano Pernetá, de Eduardo Salamonde (ARISTO *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 190).

Cruz e Sousa também não pouparia os “consagrados” enquanto esteve à frente da redação da *Revista Ilustrada*, de 1891 a meados de 1892. Contudo, suas reações ao status quo apareceriam mais claramente em sua poesia, latente de sua crença do que é ser um poeta:

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

REBELADO

Ri tua face um riso acerbo e doente,
Que fere, ao mesmo tempo que contrista...
Riso de ateu e riso de budista
Gelado no Nirvana impenitente.

Flor de sangue, talvez, e flor dolente
De uma paixão espiritual de artista,
Flor de Pecado sentimentalista
Sangrando em riso desdenhosamente.

Da alma sombria de tranquilo asceta
Bebeste, entanto, a morbidez secreta
Que a febre das insânias adormece.

Mas no teu lábio convulsivo e mudo
Mesmo até riem, com desdêns de tudo,
As sílabas simbólicas da Prece!
(CRUZ E SOUSA, 1995, p. 87).

O soneto, publicado em *Broquéis* (1893), é característico da estética simbolista eleita por Cruz e Sousa para a sua poesia. Alfredo Bosi observa que o movimento simbolista na literatura surge, na cultura europeia, em meados do século XIX, no ambiente da 2ª Revolução Industrial, como uma reação às correntes analíticas do século, exprimindo através dos novos poetas: “o desgosto das soluções racionalistas e mecânicas e nestas [reconhecendo] o correlato da burguesia industrial em ascensão” (BOSI, 2013, p. 279). O estilo, ideologicamente semelhante à concepção romântica do mundo e dos homens, prolongaria o tipo do espírito revolucionário e individualista dominante no pensamento romântico ao se contrapor aos estilos, então hegemônicos, que atenderam aos anseios estéticos de uma classe social específica.

A sua radicação no Brasil, promovida por Cruz e Sousa³, ocorreria, portanto, através da reativação das doutrinas romântico-liberais, resultando em um movimento contraofensivo à tomada de consciência. Para tal, deve-se sublinhar a influência de Charles Baudelaire, inspiração para Cruz e Sousa, personagem que pauta o simbolismo europeu.

³ Embora outros escritores brasileiros contemporâneos à Cruz e Sousa tenham flertado com a estética simbolista por influência da literatura francesa, como Medeiros e Albuquerque, considera-se que a inauguração do simbolismo no Brasil deu-se com a publicação de *Missal e Broquéis* (1893), devido à sistematização do estilo e o diálogo direto com o contexto finissecular das letras brasileiras

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

O poeta de *As flores do mal* desmistifica a poesia inserindo-a no contexto sociocultural do homem fragmentado, sofredor de uma vida sem deuses e sem mitos. Para se opor à poesia heroica e divina, característica do estilo romântico, Baudelaire institui a poesia satânica e rebelada, tendo como guia a ansiedade provocada pela tragédia da decadência humana representada, em sua visão, pela ascensão da burguesia industrial. Os simbolistas admitirão, após Baudelaire, que somente engendrando um espaço artificial se poderia escapar a uma civilização irreversivelmente corrompida pelo capital.

Esse sentimento de decadência foi o da negação, o da reação violenta como protesto contra as doutrinas racionalistas do positivismo e do cientificismo, bem como do naturalismo e do parnasianismo na literatura. Enquanto o decadentismo é configurado como um estado de sensibilidade, o simbolismo, por sua vez, será uma doutrina de arte oriunda de tal percepção de decadência.

Portanto, o simbolismo é, essencialmente, em termos artísticos e ideológicos, uma resposta ao positivismo. Ao enaltecer uma visão egocêntrica do mundo em nível doutrinário, o estilo contrapõe-se à hipotética aniquilação do “eu” sustentada pelas doutrinas realistas e naturalistas.

Sendo assim, identifica-se em *Rebelado*, o discurso em tom negativo, relacionado à morbidez, à negatividade, bem como o posicionamento reativo do poeta em relação ao contexto social de sua produção. A grande questão acerca da poesia simbolista de Cruz e Sousa refere-se, justamente, ao tom, visto que a forma será a do soneto, clássico por excelência. Logo, nutrida pela influência europeia, especialmente a francesa, sua poesia será umedecida pelo sentimento decadentista, o que confrontará o momento histórico: nacionalista e positivista.

Para efeitos de comparação, apresento um soneto de Olavo Bilac, notório representante do estilo parnasiano:

PÁTRIA

Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus liquens, dos teus cipós, da tua fronde,
Do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
De ti, – rebento em luz e em cânticos me espalho!

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,
No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
E eu, morto, – sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, – eu tremerei sepulto:
E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,
Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!
(BILAC, 2018, p. 62).

Percebe-se o discurso de tom positivo, de exaltação e defesa de uma ideia de nação defendida por determinado grupo. De fato, a classe letrada hegemônica, principalmente o grupo ao qual pertencia Olavo Bilac, que se institucionalizou, em 1897, na Academia Brasileira de Letras, objetivava a estabilização de um ideário condizente com a questão nacional “relacionada à construção do Estado e à afirmação da identidade das camadas letradas e dirigentes” (VENTURA, 1991, p. 40).

Embora o país, que abolia a escravatura e se proclamava republicano, estivesse imerso em crises sociais, de revoltas a golpes militares, ele sentia-se social e culturalmente vivo, bem distante daquela imagem de Europa decadente associada ao movimento simbolista. Somando-se isso à convivência direta do simbolismo com o espírito do tempo, fundado na crença cientificista e nas ideias racionalistas do século, e tendo em vista as diferenças existentes entre a Europa e o Brasil em nível histórico, cultural e social, pode-se entender a exclusão do movimento em nível institucional.

Contudo, é necessário atentar para a maneira como se desenvolve o jogo social armado entre os extratos ideologicamente dominantes e os que reagiram a esses. Cruz e Sousa trafegou por variados estilos, dentre eles o naturalismo e o parnasianismo, antes de basear a sua poesia no estilo simbolista. Fato que demonstra a elaboração de um projeto literário, uma escolha estética que prioriza o desejo de reação ao exagero positivista da nascente, e contraditória, República, excludente, elitista e normatizadora do ambiente intelectual.

Tendo em vista tal contexto cultural polarizado, a crítica especializada e as polêmicas direcionadas exclusivamente a Cruz e Sousa insistem em categorizá-lo por sua raça. Segundo Ventura:

[...] as teorias racistas se ligaram aos interesses dos grupos letrados de se diferenciarem da massa popular, cujas formas de cultura e religião eram depreciadas como atávicas, atrasadas ou degeneradas. A teoria racista não exprimiu, portanto, apenas interesses colonialistas e imperialistas, já que se articulava aos interesses de grupos nacionais identificados à modernidade ocidental (1991, p. 59).

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Editado por Domingos de Magalhães, proprietário da livraria Moderna e principal editor dos Novos, *Missal* (1893) é lançado alguns meses antes de *Broquéis*. Ignorado por quase toda a imprensa em virtude do estilo, em linguagem empolada indicativa do simbolismo, o livro em prosa foi listado pela *Revista Ilustrada*, alinhada ao grupo dos Novos, em nota:

Livro completo, policromo, que tem áureas cintilações de estrelas cadentes e castas lactescências de luas; que é o triunfo glorioso do Estilo, do Ritmo, da Originalidade; e que pela sua natureza intrínseca determina a vibração de um artista particularíssimo e a notável estética do Decadismo. [...] Como um profundo místico, plainando alto e ductilíssimo, percuciente em formas abstratas, a ampla visualidade de Cruz e Sousa é um caso especial de ótica. Vê bem, determina claro o que os assuntos têm de mais aeriforme, de mais impressionista em essência. E por certo só essas constituições à parte, que fogem às leis gerais dos casos, possuem a rara maleabilidade descritiva e, em formas concretas, filigranizadas, determinam a psicologia do Aroma, da Luz, da Cor, do Som, do Ar, do Espaço... (MIRANDA *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 205-206).

Apesar da apologia publicada pelo “novo”, o *Missal* receberia uma avaliação distinta dos renomados críticos Araripe Júnior e José Veríssimo. Com um expressivo atraso, Araripe Júnior se manifestou sobre a estreia de Cruz e Sousa na seção “Retrospecto Literário do Ano de 1893”, publicada no jornal *A Semana*. Dizia ser “um livro de prosa cadenciada e, quanto à técnica, de gênero semelhante ao das *Canções sem metro*, de Raul Pompéia (MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 207). Contudo,

[...] entre as *Canções sem metro* e a obra do poeta catarinense, há uma grande diferença determinada desde logo pela raça e pelo temperamento de cada um. Raul Pompéia possui a acuidade dos psicólogos da nova geração e um espírito profundamente inclinado à filosofia sugestiva, de sorte que os seus escritos aparecem sempre impregnados disso a que Proudhon chamava *l’expression de l’avenir*: tendências tolstoínas para a organização de serviço de salvação da ideia. Cruz e Sousa, porém, anda em esfera muito diferente. De origem africana, como já disse, sem mescla de sangue branco ou indígena, todas as qualidades de sua raça surgem no poeta em interessante luta com o meio civilizado que é o produto da atividade cerebral de outras raças. A primeira consequência desse encontro é a sensação de “maravilha”. Cruz e Sousa é um maravilhado. [...] O autor de *Missal*, disse eu, é um poeta maravilhado. Ingênuo no meio da civilização ocidental, para a qual seus antepassados concorreram apenas com o braço físico, ele olha para tudo com os olhos de um Epimênides: todas as suas sensações são condicionadas por um movimento de surpresa que se dilui imediatamente em gestos de adoração. Imagine-se esse africano na Rua do Ouvidor, transportado de uma cidade pequena e acanhada como é a capital de Santa Catarina. Tudo nele se transforma em sensações do naufrago de uma raça que, pelos seus dotes, se encontra iniciado na grande vida e relativamente acomodado no seio “harmonioso” (como ele mesmo diz) dessa

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

deliciosa movimentação. [...] Adiante o perambulante estaca em frente de um grupo e refere-se aos amigos de *cabaret*; ouve pareceres, opina sobre escolas e agride os que não lhe parecem intelectuais. Intelectuais como ele não há muitos, dizem os sodalícios (ARARIPE JUNIOR. *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 208-209).

A severidade da crítica-ataque indica como o poeta Cruz e Sousa estava sendo configurado ao público, institucionalmente. Retratado como um “maravilhado”, esmagado pela Capital Federal da Rua do Ouvidor, de passeios glamorosos e luzes brilhantes, não conseguiria assimilar, de maneira correta, o ambiente metropolitano e só teria lugar cativo entre os indivíduos de seu grupo.

Em meio a deambulações críticas, Araripe Júnior se pergunta:

[Cruz e Sousa] Sonha. Com que? Pensa nos ruídos que ouviu fora; dilui as cores cruas que lhe feriram a retina inebriada, depois começa a processar tudo dentro de si mesmo o que viu e o que ouviu. Os livros dos novos poetas o preocupam. Nesse momento a raça sente a necessidade de um grande esforço para fugir não só ao ritmo natural dos antepassados, mas também à sua predileção pelos tons vermelhos e pela passagem rápida das cores vivas, sem acenúbios que caracterizam a arte primitiva. Como, porém, evitar essa fatalidade? O poeta lê e busca vertiginosamente, nos livros dos nefelibatas e nas obras indicadas pela escola, o vocabulário, a técnica e as situações individuais que mais lhe convém adaptar. Uma verdadeira caça à palavra e ao gesto (ARARIPE JUNIOR *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, pp. 208-209).

Sendo assim, na opinião de Araripe Júnior, Cruz e Sousa representa uma tentativa malsucedida em ser o nefelibata, termo que designa o habitante das nuvens. Inferiorizado pela crítica hegemônica, o negro sem mescla seria impossibilitado de sonhar, logo, não poderia ser admitido como um verdadeiro poeta, mas apenas um deslumbrado imitador da “escola”.

O racismo científico e a teoria da miscigenação, pontuados na crítica, demonstram a importância do direcionamento das ideologias dominantes à formação do leitor, bem como o enviesamento da relação desse leitor com o objeto literário. De acordo com Roberto Ventura, o próprio Araripe Júnior “explicava o racismo da ciência europeia pelo expansionismo das nações dominantes, que recorriam à condenação das raças não-brancas e da miscigenação para autorizar a expansão e justificar a expropriação dos povos sem esquadras”. Contudo, apesar da crítica, Araripe utiliza-se do racismo quando trata de quem poderia ter acesso ao prestígio necessário para pertencimento à classe letrada.

O racismo científico se tornou moeda corrente no debate político e cultural brasileiro no último quartel do século XIX, redefinido e adaptado às condições locais. Desse processo de ajuste das “importações ideológicas”, resultaram

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

modelos de pensamento, como a ideologia do branqueamento e da miscigenação, como tentativa de eliminar a contradição entre a realidade étnica brasileira, o racismo científico e o liberalismo progressista (VENTURA, 1991, p. 62).

Logo, a situação para Cruz e Sousa, descendente direto de africanos, seria difícil. José Veríssimo escreve sobre o *Missal*, também, no “Retrospecto Literário do Ano de 1893” do *A Semana*:

[No Brasil,] o simbolismo é um fato de imitação internacional e em muitos casos desinteligente. Entregaram-se a ele, sem quase o conhecerem nos seus motivos e nas suas obras, alguns espíritos, em sua maioria impotentes, sem originalidade nem vigor, alguns com talento, mas sem inteligência, quase todos sem nenhuma instrução literária. Não conhecendo alguns sequer o francês, a sua iniciação se fez através dos nefelibatas portugueses, que são de fato os mestres do simbolismo brasileiro. [O *Missal*] é um amontoado de palavras, que dir-se-iam tiradas ao acaso, como papelinhos de sortes, e colocadas umas após outras na ordem em que vão saindo, com raro desdém da língua, da gramática e superabundante uso de maiúsculas. Uma ingênua presunção, nenhum pudor em elogiar-se e, sobretudo, nenhuma compreensão, ou sequer intuição do movimento artístico que pretende seguir, completam a impressão que deixa este livro em que as palavras servem para não dizer nada (VERÍSSIMO *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 209).

Corroborando a apreciação de Araripe Júnior, Veríssimo desqualifica não apenas o livro de estreia de Cruz e Sousa, mas o grupo do Novos em geral. Os Novos, por sua vez, reagiram às críticas de Araripe Júnior e de José Veríssimo dizendo que não passavam de “água de análise pedantocrática vasada malevolamente na açorda saborosa da produção” (MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 238).

Broquéis surge no mesmo ano. O livro, contendo cinquenta e quatro poemas, cujo título é uma metáfora bélica da posição do poeta no campo literário finissecular, traz, como epígrafe, a seguinte passagem de *À une heure du matin*, de Charles Baudelaire⁴: “*Seigneur mon Dieu! accordez-moi la grâce de produire quelques beaux vers qui me prouvent à moi-même que*

⁴ Como abordado anteriormente, Charles Baudelaire será a grande e principal influência de Cruz e Sousa, fato que contraria a impressão crítica de que o poeta, como simbolista, não conheceria o francês e que sua principal influência teria sido a dos nefelibatas portugueses. Em texto em prosa, publicado postumamente no livro *Evocações* (1898), de título “No inferno”, o poeta escolherá Baudelaire como o seu guia na travessia do inferno, fazendo referência à Divina Comédia de Dante, que tem como o seu guia Virgílio: “Mergulhando a imaginação nos vermelhos Reinos feéricos e cabalísticos de Satã, lá onde Voltaire faz sem dúvida acender a sua ironia rubra como tropical e sanguíneo cactus aberto, encontrei um dia Baudelaire, profundo e lívido, de clara e deslumbradora beleza, deixando flutuar sobre os ombros nobres a onda pomposa da cabeleira ardentemente negra, onde dir-se-ia viver e chamejar uma paixão (...)” (CRUZ E SOUSA, 1995, p. 607).

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

*je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inférieur à ceux que je méprise*⁵
(BAUDELAIRE *apud* CRUZ E SOUSA, 1995).

A citação, em forma de oração, traduz a principal proposta de Broquéis: provar-se pela poesia em meio à revolta que a hostilidade do ambiente lhe causava. Embora seja Broquéis, para os entusiastas do simbolismo, “uma mutação climática radical da poesia brasileira”, de acordo com Magalhães Junior, “o assombro literário da época não era Cruz e Sousa, mas Olavo Bilac, quatro anos mais moço que o poeta negro, já então publicando suas melhores e mais perfeitas páginas poéticas nos moldes parnasianos” (MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 212) em editoras e jornais de influência. Logo, como no caso do *Missal*, a crítica para o primeiro livro de versos não demonstraria a sua relevância ao público. Porém, as polêmicas se acentuaram.

Publicada anonimamente na *Gazeta de Notícias*, em 3 de setembro de 1893, na seção “A pedidos”, uma imitação satírica intitulada “*Na Costa d’África*”, diz o seguinte:

Flava, bizarra, álaque e cintilante,
Na Epopeia de rufos de tambores,
Surge a manhã dos místicos vapores
Do Levante irial, purpurejante...

Gargalha ao sol, – o Deus enamorante,
Cristais brunindo e rútilos fulgores
Na comunhão dos rubros esplendores,
N’África rude, bárbara, distante.

E vinha então, torcicolosamente,
Numa dança macabra a turba ardente
De pretinhos a rir, trajando tanga...

Festa convulsa, exata d’Alegria,
Fandangos, Bonzos, – tudo enfim havia;
Missais, Broquéis, Pipocas, Bugigangas...
(Na costa d’África, 1893, *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 241).

Percebe-se a troça pelo uso de vocábulos recorrentes na poesia de Cruz e Sousa, principalmente através de “flava” e “torcicolosamente”, que aparecem, respectivamente, nos poemas “*Tuberculosa*”, “*Antífona*” e “*Dança do ventre*”, de Broquéis. Há o enfoque na ambiência característica do estilo simbolista, como em “místicos vapores”, “irial” e “purpurejante”, mas,

⁵ “Senhor meu Deus! Concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me deem a certeza de que não sou o último dos homens, de que não sou inferior àqueles a quem desprezo.” (Tradução de Ivo Barroso).

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

sobretudo, há o ataque à ascendência e à raça do poeta, tratando-o como um intruso no meio literário fluminense.

Outra imitação satírica viria logo a seguir, desta vez um soneto ainda mais virulento:

BROQUEL
(Souza e Cruz)

Espiritualizante manipuloso
Gerado nos confins de Moçambique,
Acaba de passar n'Arte um debique,
Sonoramente, em mórbido balanço.

Ó Cristos de oiro e de marfim, não canso
De convulso gritar que foi a pique
A velha escola romba! Ei-lo Cacique;
Nunca se viu assim tão grande avanço!

As explosões de prônubas alvuras
Do Flórido noivado das alturas
Adora imerso em fúlgidos luaires...

Todos os preto-minas da cidade
Um batuque de estranha alacridade
Preparam com foguetes pelos ares!
(SOUZA E CRUZ *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 243).

Tal qual o soneto publicado na *Gazeta de Notícias*, este também seria anônimo, mas com o pseudônimo Souza e Cruz. *Broquel* foi publicado em 10 de setembro de 1893, na seção “Ecos de Toda Parte”, do jornal *O País*. Ambas as imitações satíricas são, então, publicadas em periódicos de ampla circulação, corroborando o objetivo polêmico de configurar o poeta Cruz e Sousa como um estranho à poesia.

Em relação às críticas literárias, a de José Veríssimo mais parecerá uma sentença:

O seu livro de versos Broquéis é apenas de um parnasiano que leu Verlaine, sem possuir deste, em grau algum, nem a felicidade da idealização poética, nem a sinceridade da emoção artística, nem a ciência inata da língua, nem a plasticidade das formas métricas. Não há nessa reunião de poemas, na maioria sonetos, nada, senão a intenção gorada, que a faça classificar na poesia simbolista. São uma imitação falha de Baudelaire, modificado pelo poeta das *Fêtes Galantes*. E a falta de emoção real, acaso o traço característico desses versos, é tal que surpreende (VERÍSSIMO *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 221).

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Foi de se estranhar que um crítico do calibre de José Veríssimo fizesse tais considerações sobre a poesia de *Broquéis*. Tristão de Ataíde (1893-1983) as classificaria como “algumas das páginas mais infelizes de crítica literária que se terão escrito entre nós” (ATAÍDE *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 209).

Por sua vez, Araripe Júnior reconhecerá nos versos do poeta qualidades relacionadas à sonoridade da poesia:

Que direi de *Broquéis* que já não tenha dito do *Missal*? É incontestável que nos versos, Cruz e Sousa apresenta-se como um dos nossos poetas mais sonoros. Não há nesse livro grande variedade de rimas nem dificuldade de metrificação. Tudo se resume no compasso ternário, como se diz em arte musical, uma ou outra vez ligeiramente sincopado; e as rimas, raras em nomes, firmando-se de ordinário em qualificativos, obedecem às ideias mais gerais, o que as torna monótonas pela maior parte (ARARIPE JUNIOR *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, pp. 221-222).

No entanto, ao resumir sua apreciação estilística, Araripe Júnior prossegue:

A escolha do metro ternário constitui uma das superafetações do talento do poeta. O quaternário seria mais opulento para a expansão natural da sua musa primitiva; mas a toquade pelo novo não permitiu que o autor de *Broquéis* se abaixasse até a métrica do jongo e do *cateretê*. No que diz respeito ao ideal, o livro está repleto de vultos de mulheres *catedralescas*, isto é, de santas que o poeta, maravilhado, adora a seu modo (ARARIPE JUNIOR *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 222, grifos do autor).

Continuando o embasamento de sua impressão crítica no “maravilhamento” de Cruz e Sousa na capital da República e na sua suposta obsessão pela moda, Araripe Júnior chama a atenção ao efeito sonoro que os poemas produzem, porém reflete se o poeta não desempenharia melhor a sua arte em ritmos notadamente não-brancos, como o jongo e o *cateretê*. Assim, Araripe opera, ao mesmo tempo, a desqualificação da poesia a partir da imagem que configura do poeta, enviesando ideologicamente a sua crítica e disseminando-a como influente formador de opinião.

Os Novos, obviamente, reagiriam. Saldanha Marinho, um dos integrantes do grupo, para dar repercussão à publicação de *Broquéis*, publica um elogio de tom polêmico na *Revista Azul*:

Vós todos que, de costume e por hereditário hábito, borburinhais o dia todo nesta rua detestável e penumbrosa [Ouvidor], passai em paz e ide... Mas moderai o rumor de vossos passos, abafai um pouco o sussurro das vossas vozes, que eu quero ouvir cantar, vibrando cristalinaamente aos meus ouvidos, a música dos *Broquéis* (MARINHO *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 223).

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Apesar das polêmicas em torno de Broquéis, e das críticas partidárias, houve manifestações positivas. Dentre elas a de Adolfo Caminha que, mesmo oficialmente associado à corrente naturalista, escreve em suas *Cartas literárias*:

Se me perguntassem, porém, qual artista mais bem-dotado entre os que formam a nova geração brasileira – pergunta indiscreta e ociosa – eu indicaria o autor de *Broquéis*, o menosprezado e excêntrico aquarelista do *Missal*, muito embora sobre mim caísse a cólera olímpica do Parnaso inteiro. Erro, talvez, de observação e de crítica, mas o certo é que eu vejo em Cruz e Sousa um poeta originalíssimo, de uma rara sensibilidade estética, sabendo compreender a Arte e respeitá-la, encarando a vida com a independência de quem só tem um ideal, – a perfeição artística. Um preconceito injusto e tolo isolou-o dos seus contemporâneos, fechando-lhe as portas do jornalismo [...] Cruz e Sousa é um dos pouquíssimos que no Brasil têm ideias seguras sobre Arte: temperamento de eleição, natureza complexa expandindo-se em criações admiráveis pela estranha música do verso ou da frase, onde quase sempre o sensualismo canta a epopeia da carne e da Forma – ele é um independente, um forte, um insubmisso, que honra as letras nacionais. Não tem escola; sua escola é o seu temperamento, a sua índole, e este é o maior elogio que se lhe pode fazer (CAMINHA *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 215).

Como contemporâneo de Cruz e Sousa, Adolfo Caminha traz, em sua apreciação, dados importantes da biografia do poeta. Cruz e Sousa não consegue fixar-se na imprensa carioca, segundo Caminha, por “um preconceito injusto e tolo”, algo sintomático do tempo. Por isso, são exaltadas as qualidades de persistência e resistência, justamente, devido à crença do poeta em sua forma de “Arte”.

Tal insubmissão causaria, por extensão, a cólera do Parnaso brasileiro. Supondo que a intenção de Cruz e Sousa, ao filiar-se aos Novos e estabelecer-se no Rio de Janeiro para ser o artista que era, fosse a de demolição das colunas ebúrneas que sustentavam aquele afamado templo grego, o poeta consegue, ao menos, a exposição de suas rachaduras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que as críticas, polêmicas e réplicas aos ataques de autoria dos integrantes do grupo do Novos foram documentadas em menor número. A publicação em jornais de menor expressão e de vida breve seria o principal fator por detrás deste fato. O *Novidades*, apelidado de “trincheira dos Novos”, fundado em 1887, deixou de circular em 1892. A *Revista Ilustrada*, que, em parte, circulou apenas mensalmente, durou somente oito anos após a eclosão dos Novos.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Em 1891, publicam-se na *Folha Popular* (RJ), os manifestos simbolistas brasileiros, porém, não se tem acesso a tal documento. Ademais, está documentada uma iniciativa de se fundar a chamada *Revista dos Novos*, encabeçada por Cruz e Sousa, que não foi levada a cabo. Em carta, datada de 11 de abril de 1894, endereçada à Gonzaga Duque, o poeta escreve:

Na impossibilidade de falar-te calmamente, escrevo-te uma ligeira exposição sobre a *Revista dos Novos*. Penso que o grupo que deve constituir os combatentes da *Revista dos Novos* tem de ser composto da tua individualidade, Emiliano Pernetá, Oscar Rosas, Artur de Miranda, Nestor Vitor, B. Lopes, Emílio de Meneses, Lima Campos, Araújo Figueiredo, Virgílio Várzea, Santa Rita, Maurício Jubim, Cruz e Sousa e Gustavo Lacerda, simplesmente sendo que este último deverá dar escritos sintéticos, muito generalizados, sem personalismos, sobre política socialista. Penso assim porque esses foram sempre, mais ou menos, de vários modos intelectuais, e em tese, os nossos companheiros, tendo cada um deles, na proporção da sua aptidão, na esfera da sua perfectibilidade, um sentimento homogêneo do nosso sentimento comum na Arte do pensamento escrito. Penso também que o único homem fora da nossa linha artística de seleção relativa possível, que deve ser admitido para críticas científicas, é o Dr. Gama Rosa, que podemos considerar, à parte toda a nossa independência e rebelião, como um austero e curioso Patriarca do Pensamento novo [...] (CRUZ E SOUSA *apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1975, p. 266).

Verifica-se, então, a tentativa de produzir um espaço independente de manifestação artística e ideológica em meio à hostilidade do ambiente intelectual estabelecido. A *Revista dos Novos*, na concepção de Magalhães Junior, seria “certamente projetada como resposta à *Revista Brasileira*, que era o refúgio dos nomes consagrados” (1975, p. 269).

Assim, o que há sobre a origem e a guerra travada pelo simbolismo, essa atribulada época da história da literatura brasileira, está melhor referenciada nas páginas dos poetas, em especial nas de Cruz e Sousa, considerado o fundador da corrente no Brasil. Embora seu trabalho não tenha atingido o grande público à época, o poeta foi admirado, por vezes idolatrado, pelos integrantes do grupo. Nestor Vitor, amigo literário, trabalhará incansavelmente, após a morte prematura do poeta, para a sua canonização no panorama da literatura brasileira.

Em relação à intelectualidade hegemônica do período, bem como às críticas e às polêmicas como forma de debate e propagação de ideias em jornais, constata-se como limitada pelo corporativismo literário aliado à ideologia dominante. Apesar da polarização dos grupos, o racismo foi determinante para a crítica institucional da obra de Cruz e Sousa, configurando-o como poeta menor, menos pela produção que pela raça. No entanto, a relação

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

tensa do poeta com o ambiente intelectual finissecular e com o mercado das letras evidencia a sua perspectiva da escrita como ato de autonomia intelectual e de fundamentação de sua experiência como poeta através da busca constante por independência.

Referências

BILAC, Olavo. **Antologia poética**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 49.ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BROCA, Brito. **Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

CRUZ E SOUSA, João da. **Cruz e Sousa: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **Poesia e vida de Cruz e Sousa**. 3ª ed. refundida e aumentada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

RIO, João do. **O Momento Literário**. Rio de Janeiro: Garnier, 1908.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Recebido em: 04/05/2024

Aceito em: 14/07/2024

Publicado em: 30/09/2024

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

THE CONFIGURATION OF THE POET CRUZ E SOUSA THROUGH NINETEENTH-CENTURY CONTROVERSY AND CRITICISM

Marco Antonio Notaroberto da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(manotsva@gmail.com)

ABSTRACT

This article examines the literary environment at the turn of the century (19th-20th) in Brazil and the role of journalism in spreading ideas, primarily through literary criticism and polemics. It presents, substantially, the confrontation between antagonistic literary movements, such as Parnassianism and Symbolism, the tension between literature and literary life, and the critical positioning of the poet Cruz e Sousa amidst this polarization. Finally, it seeks to draw a parallel between the mindset of the time and the limitation of perception by ideology.

Keywords: Journalism; Literary Criticism; Polemics; Turn of the Century (19th-20th); Polarization; Cruz e Sousa.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

LA CONFIGURACIÓN DEL POETA CRUZ E SOUSA A TRAVÉS DE LA POLÉMICA Y LA CRÍTICA DEL SIGLO XIX

Marco Antonio Notaroberto da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(manotsva@gmail.com)

RESUMEN

Este artículo aborda el ambiente literario del cambio de siglo (XIXXX) en Brasil y el papel del periodismo en la propagación de ideas, principalmente a través de la crítica y de la polemización literaria. Presenta, sustancialmente, el choque entre movimientos literarios antagónicos, como el parnasianismo y el simbolismo, la tensión entre la literatura y la vida literaria, además de la configuración crítica del poeta Cruz e Sousa en médio de la polarización. Finalmente, busca establecer un paralelo entre la mentalidad de la época y la limitación de la percepción por la ideología.

Palabras-clave: Periodismo; Crítica Literaria; Polémica; Cambio de Siglo (XIX-XX); Polarización; Cruz e Sousa.

TEMÁTICA LIVRE

| | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 13 | n. 1 | 1-21 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|